

A longa Guerra do Golfo: uma análise comparativa das Guerras do Golfo e do Iraque sob a ótica das Doutrinas Powell e Bush (1991-2003)

SANDRO HELENO MORAIS ZARPELÃO*

Introdução

A Guerra do Golfo, de 1991, e a Guerra do Iraque, de 2003, foram dois exemplos de conflitos em que os Estados Unidos se envolveram diretamente no final do século XX e início do século XXI. Assim, para entender melhor o seu comportamento como ator internacional importante nos dois conflitos, torna-se imprescindível que se estude a sua política externa sob a ótica das Doutrinas Powell e Bush.

Vale ressaltar que a política externa dos Estados Unidos da América do Norte pode ser enquadrada no paradigma da longa duração, pois desde o século XIX, poucas mudanças e rupturas ocorreram ao longo da história. Ao longo da segunda metade do século XIX e até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ocorreram importantes embates na sua política externa, entre os chamados isolacionistas e os internacionalistas.

Nesse sentido, verificar-se-á a influência das doutrinas Powell e Bush na eclosão das Guerras do Golfo, em 1991, e do Iraque, em 2003, demonstrando que os citados conflitos possuem uma ligação estreita e fazem parte de uma longa guerra no Golfo, da mesma forma como ocorreu na Primeira e na Segunda Guerra Mundiais de acordo com o historiador Eric Hobsbawm¹.

Para tanto, será necessário trabalhar rapidamente com a Doutrina Carter, erigida durante o governo do presidente Jimmy Carter (1977-1981), que defendia uma política de intervenção militar dos Estados Unidos no Oriente Médio, em defesa dos interesses petrolíferos estadunidenses. Ressalta-se, que as Doutrinas Powell e Bush foram muito influenciadas pela Doutrina Carter.

* Mestre em História Política e dos Movimentos Sociais, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

¹ Ver a obra: HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A Doutrina Powell foi aplicada durante a Guerra do Golfo, de 1991, e já a Doutrina Bush foi aplicada durante a Guerra do Iraque, em 2003, quando Washington liderou uma invasão ao território iraquiano, apoiado por Londres. Assim, notar-se-á a influência dos princípios embasadores das citadas doutrinas estadunidenses naqueles conflitos.

O objetivo do trabalho é discutir e refletir sobre os conflitos no Golfo sob a ótica das Doutrinas Powell e Bush, demonstrando que tanto a Primeira como a Segunda Guerra do Golfo podem ser consideradas como um longo embate. Trata-se de um artigo decorrente da minha dissertação de mestrado defendida em 2008, na Universidade Estadual de Maringá (UEM)², orientado pelo Professor Doutor Sidnei José Munhoz.

A longa Guerra do Golfo: uma análise comparativa das Guerras do Golfo e do Iraque sob a ótica das Doutrinas Powell e Bush (1991-2003)

Em 1980, o então presidente dos Estados Unidos da América, James Earl Carter (1977-1981), mais conhecido como Jimmy Carter, revelou ao país e ao mundo que o Oriente Médio, mais especificamente o Golfo Pérsico, era uma área importantíssima para os interesses estadunidenses, principalmente na questão de fornecimento de petróleo.

Sendo assim, o democrata Jimmy Carter ao proferir o discurso anual “O Estado da União”³ (“The State of the Union”), em 23 de janeiro de 1980, demonstrou que a região do Golfo Pérsico era vital para a geopolítica da Casa Branca. Carter salientou que se fosse necessário empregar até meios militares para que os objetivos dos Estados Unidos fossem protegidos, ele o faria⁴.

² Ver a obra: Zarpelão, Sandro Heleno Morais. *Tempestade no Iraque: a Guerra do Golfo, a Política Externa dos Estados Unidos, a Historiografia Militar e a Imprensa Escrita Brasileira (1990-1991)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2008.

³ A cada ano que se inicia, todo presidente dos Estados Unidos deve, geralmente em janeiro, apresentar ao Congresso os princípios e regras que irão ditar os rumos de seu governo, seja no aspecto interno bem como no aspecto externo. É o chamado discurso “O Estado da União”.

⁴ FUSER, Igor. O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais “Santiago Dantas”, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005, p. 168-169.

Indubitavelmente, a Doutrina Carter representou uma considerável mudança na política exterior dos Estados Unidos para o Oriente Médio. Entre os anos de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, e 1979, com a Revolução Islâmica Iraniana, Washington procurou garantir o acesso ao petróleo através de uma aliança ambígua com o Reino Unido e, depois, em uma aproximação com a Arábia Saudita e o Irã. Isso pressupõe o não uso do poderio militar para conseguir alcançar as abundantes reservas petrolíferas encontradas principalmente na região próxima ao Golfo Pérsico, no Oriente Médio.

Contudo, a citada transformação aconteceu porque cinco fatos históricos ocorridos na década de 1970 forçaram o Departamento de Estado e o Pentágono, nos Estados Unidos, a se adequarem aos novos tempos. O primeiro fato foi a Primeira Crise Internacional do Petróleo⁵, em 1973, causado pela Guerra do Yom Kippur⁶ entre Israel contra Egito e Síria. O segundo fato histórico foi a Revolução Islâmica Iraniana, em fevereiro de 1979, que derrubou o Xá Reza Pahlevi que governava o Irã desde 1953. Em seu lugar assumiu o Aiatolá Khomeini. O terceiro fato foi a Segunda Crise Internacional do Petróleo, no biênio 1979/1980, em que os preços do barril de petróleo subiram ainda mais, agravando e colocando em risco o fornecimento do “ouro negro” para os mercados ocidentais. O quarto fato ocorreu em novembro de 1979, quando um grupo de muçulmanos radicais atacou a grande mesquita localizada em Meca, colocando em risco a estabilidade política do governo saudita e o apoio dos Estados Unidos para Riad⁷. Por fim, o quinto e último fato histórico relevante foi a Invasão do Afeganistão pela União Soviética, em dezembro de 1979.

⁵ Crise Internacional do Petróleo: devido ao embargo do petróleo feito pela OPEP contra os países ocidentais, ocorreu um aumento considerável no preço do barril de petróleo, passando de aproximadamente US\$ 2,00 para US\$ 12,00, provocado pela OPEP. Vale ressaltar que esta última utilizou o petróleo como “arma política” para tentar pressionar os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental a pressionarem Israel, para que este devolvesse os territórios ocupados na já mencionada Guerra dos Seis Dias.

⁶ Guerra do Yom Kippur (1973): conflito ocorrido entre Israel contra Egito e Síria, sendo que estes dois últimos realizaram um ataque surpresa no dia do Yom Kippur, ou dia do “perdão”, data sagrada para a religião do judaísmo. Conseqüência direta da Guerra dos Seis Dias (1967), vencida por Israel. O efeito direto foi a manutenção dos territórios ocupados e reivindicados por jordanianos, egípcios, palestinos e sírios, no caso a Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jerusalém Oriental e Colinas do Golan sob o domínio israelense. Outro efeito foi a 1ª Crise Internacional do Petróleo.

⁷ SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Thereza L. *Tempestade do Deserto: operações da Guerra do Golfo*. FONSECA, Luis Cesar (trad.). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998, p. 52-53.

De acordo com Igor Fuser os Estados Unidos, com a Doutrina Carter, aumentaram sua presença diplomática e política no Oriente Médio, pois existia um duplo obstáculo: “(...) 1) assegurar o controle das reservas de petróleo do Golfo Pérsico, e 2) reagir à intervenção da URSS no Afeganistão, interpretada, ao menos publicamente, como uma ameaça” (FUSER, 2005, p. 169).

A Doutrina Carter vinculava o petróleo com a segurança do Golfo Pérsico. Tratavam-se de temas interdependentes na visão daquela doutrina. Assim, o Oriente Médio passou a ser considerado uma região prioritária para os interesses dos Estados Unidos e, em consequência, deveria ficar sob o controle e a proteção direta da Casa Branca. Em outras palavras, o Oriente Médio deveria ser sua área de influência, livre das ingerências da União Soviética e dos países europeus ocidentais como o Reino Unido e a França. A Doutrina Carter pode ser considerada uma “Doutrina Monroe para o Oriente Médio”, de acordo com o historiador Douglas Little⁸.

O Sudoeste da Ásia, mais conhecido como Oriente Médio, só apareceu como uma importante região na disputa pelo poder mundial, quando as outras duas regiões supracitadas estavam estabilizadas em termos políticos, ao mesmo tempo em que, o fornecimento de petróleo associado a uma forte instabilidade no Oriente Médio ameaçavam os interesses geopolíticos e econômicos dos Estados Unidos. O que estava em jogo era o petróleo.

Entretanto, além da ameaça soviética, havia uma outra preocupação que se revelou logo após a realização do discurso de Carter, pelo então secretário de Defesa, Harold Brown: a instabilidade no “Terceiro Mundo”, principalmente nos países do Oriente Médio. Assim, os Estados Unidos trataram de proteger, como parte de seu “interesse vital” o fluxo de petróleo que saia do Oriente Médio para abastecer o Ocidente. Então, foi necessária a construção de bases militares em países do Oriente Médio, negociações do direito e de acordos para o tráfego aéreo militar e uso de aeroportos em países como Egito e Marrocos e a renovação do direito de instalação da base naval estadunidense no Bahrein⁹.

⁸ Ver a obra: LITTLE, Douglas. *American Orientalism: The United States and the Middle East since 1945*. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1994.

⁹ BACEVICH, Andrew J. *The New American Militarism: How Americans Are Seduced by War*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2005, p. 192.

A partir da Doutrina Carter, houve o aumento crescente da presença militar dos Estados Unidos no Oriente Médio, durante os governos subsequentes como de Ronald Reagan, George H. Bush, Bill Clinton e George Walker Bush.

Então, mesmo após a elaboração de novas doutrinas militares e de política externa como a Powell, Clinton, Bush e Rumsfeld, a essência da Doutrina Carter continuou presente, isto é, a forte presença militar, diplomática e política dos Estados Unidos no Oriente Médio, aliando a questão da segurança dos Estados Unidos com o petróleo.

A crise no Oriente Médio, em 1990, entre o Iraque e o Kuwait, acelerou a elaboração de uma nova doutrina estratégica para os Estados Unidos. Era imperativo construir uma doutrina capaz de conjugar o uso de armas tecnologicamente avançadas, conhecidas como “inteligentes”, que arrasariam o inimigo, com a sua destruição para depois ocorrer uma intervenção terrestre. A idéia era causar o menor número possível de baixas de soldados estadunidenses e também de civis do adversário.

A Guerra do Golfo ocorreu exatamente em uma época de transição nas relações internacionais, de agonia da Guerra Fria e do surgimento da Doutrina Powell.

Destaca-se que ela foi concebida a partir da experiência negativa dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, com a questão dos conscritos. Assim, ao final do citado conflito, o Exército dos Estados Unidos sofrerá uma profissionalização a partir de 1973. A mudança ocorreu em grande parte devido à traumática experiência envolvendo os conscritos que lutaram nas Forças Armadas Estadunidenses durante a Guerra do Vietnã (1965-1975)¹⁰.

Por conseqüência, foram criadas condições ideais para que se elaborasse uma nova doutrina militar pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos e pelo Pentágono. Era a Doutrina Powell¹¹ que defendia a idéia de guerra limpa, com bombardeios cirúrgicos e estratégias que poupariam vidas dos aliados na guerra. Era a guerra de videogame. A idéia de *zero killed* (morte zero) era muito forte e importante como princípio inserido em tal doutrina.

¹⁰ Ver a obra: SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. Guerra do Vietnã. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 409-412.

¹¹ Ver a obra: Silva, Francisco Carlos Teixeira da. Powell (Doutrina). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 703-704.

Ressalta-se, que o presidente George H. Bush (1989-1993), dos Estados Unidos, precisava desenvolver tal doutrina, para que permitisse ao Pentágono possuir uma capacidade estratégica de agir concomitantemente em dois lugares diferentes, em termos militares, mesmo que fossem geograficamente distantes.

Assim, Estados considerados potências regionais ou aspirantes a esse posto, sem influência mundial, cujos interesses estratégicos fossem concorrentes aos dos Estados Unidos, como o Iraque, Irã e Síria, por exemplo, passaram a ser os novos inimigos dos Estados Unidos no início da década de 1990. Eram os Estados “fora-da-lei”. Emergiu, ainda na década de 1990 e principalmente, com os atentados de 11 (onze) de setembro de 2001, em Washington e New York, o terrorismo que também passou a ser considerado inimigo do “Tio Sam”.

Durante os governos dos presidentes Ronald Reagan (1981-1989) e George Bush (1989-1993) os Estados Unidos elegeram novos inimigos em sua política externa, substituindo o algoz soviético e seu socialismo. Foram eleitos, de acordo com Noam Chomsky¹², quatro novos inimigos: a instabilidade econômico-política dos Estados terceiro-mundistas, o narcotráfico hispano-americano, o terrorismo em escala internacional, principalmente no Oriente Médio e o fundamentalismo islâmico.

A Doutrina Powell estabeleceu que os Estados Unidos só poderiam intervir em duas situações: quando estivessem em risco áreas com reservas de combustíveis fósseis, como petróleo, abastecedoras do Ocidente, como o Kuwait e o Iraque, no Oriente Médio; e, em áreas estratégicas consideradas essenciais para a segurança de aliados e de locais economicamente fundamentais para os Estados Unidos. Para a doutrina, o país necessita de segurança e equilíbrio no cenário internacional para poder agir. Isso quer dizer que Washington não iria intervir em todo e qualquer conflito regional.

Do ponto de vista da ação militar, a Doutrina Powell ainda se faz presente e é mantida. Não se pode esquecer que ela foi substituída pelas Doutrinas Clinton e Bush, mas ainda assim, permanece atual nas intervenções militares dos Estados Unidos. O problema das baixas em combate é um tema delicado no território estadunidense desde a Guerra do Vietnã. As freqüentes comparações da Invasão dos Estados Unidos ao Iraque, a partir de 2003, com o conflito no Vietnã, é um claro sinal disso.

¹² Conforme a obra: CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. COUTINHO, Paulo Roberto. São Paulo: Scritta, 1996 (Coleção Clássica).

A atual intervenção militar de Washington, iniciada em 2003, no Iraque, inicialmente encontrou apoio da mídia e de parcela da população estadunidense. Contudo, a euforia inicial da guerra passou e aconteceu a emergência de novos fatos que desmentiram os argumentos apresentados pelos governos dos Estados Unidos e do Reino Unido, para justificar a guerra preventiva contra o Iraque, em 2003. Os argumentos eram basicamente dois: o primeiro se referia a possíveis ligações do governo de Saddam Hussein com a rede terrorista Al Qaeda, de Osama Bin Laden. Já o segundo, era a existência de programas de desenvolvimento e de estoques de armas de destruição em massa (nucleares, químicas e biológicas).

Vale ressaltar que tal embate bélico ocorreu durante o governo do presidente republicano, George Walker Bush, em 2001.

O establishment conservador governamental conduziu os Estados Unidos, entre os meses de janeiro e setembro de 2001, portanto antes dos Atentados de 11 de setembro, para uma política externa conservadora, bastante focalizada nos interesses estadunidenses em detrimento do mundo.

Então, tal política externa unilateral, defensora árdua dos interesses estadunidenses, foi chamada pelo Departamento de Estado de “multilateralismo à la carte”. Washington se reservou o direito de analisar e agir pontualmente cada questão internacional, de acordo com os seus interesses, mesmo que fosse necessário infringirem tratados ou o próprio direito internacional.

Em situações internacionais bastante delicadas, como o caso do Iraque, no Oriente Médio, Washington se recusava a agir em determinados momentos e em outros, seguia um caminho próprio, sem levar em consideração os tradicionais aliados, como os europeus e também organizações internacionais, como as Nações Unidas. Tratava-se de um unilateralismo perigoso para a estabilidade internacional.

Tais ações unilaterais estadunidenses se intensificaram no cenário internacional após os atentados de onze de setembro de 2001, em New York e Washington. No mesmo mês, o presidente George Walker Bush, perante os congressistas do Capitólio, reafirmou que os Estados Unidos lutariam com afinco e grande força, contra o terrorismo internacional, sem a interferência e mediação de organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas, através do estabelecimento de uma política de combate estadunidense para eliminar tal problema.

A Doutrina Bush, cada vez mais institucionalizada e presente nas entranhas do aparato estatal dos Estados Unidos, foi colocada em prática no sentido de preparar as Forças Armadas Estadunidenses para a invasão ao território iraquiano.

Vale lembrar que a nova doutrina se tornou mais explícita a partir de 2002, quando Condoleeza Rice afirmou que, diferentemente da Guerra Fria, não bastava possuir grande quantidade de armas de destruição em massa para convencer o inimigo de não atacar, pois as forças inimigas se apresentariam dispersas e múltiplas, isto é, sem alvos a proteger. Então o território deveria ser redefinido para efeito de estratégia de guerra. As idéias de Condoleeza Rice foram amplamente aceitas por Bush, em seu discurso realizado no dia 30 de janeiro de 2002, ao afirmar na época que os Estados Unidos detinham o direito de realizar ataques preventivos contra países que estivessem desenvolvendo armas que ameaçassem a sua segurança. Seria o caso do Iraque.

As ações dos Estados Unidos no cenário mundial sempre objetivaram intervir em países onde os conflitos ou crises coloquem em risco os interesses estadunidenses. Mesmo a Doutrina Powell ter sido substituída nas relações internacionais, vale mencionar que na área militar ela ainda permanece no interior da Doutrina Bush. A Invasão ilegal do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003, e a preocupação constante da opinião pública estadunidense com a questão das baixas são fortes indícios da manutenção da essência da Doutrina Powell.

Também não se pode esquecer que a invasão estadunidense sobre o Iraque ocorreu devido ao grande interesse dos Estados Unidos em garantir o acesso as vastas reservas petrolíferas iraquianas, tão necessárias para a sua economia ávida por recursos energéticos. Nesse sentido, os Estados Unidos aliaram o petróleo com a questão de segurança de seus interesses no Oriente Médio. Assim, se fosse necessário uma intervenção militar nessa área, ele o faria, como de fato fez na Guerra do Golfo de 1991 e na Guerra do Iraque, de 2003. Pode-se inferir, portanto, que a Doutrina Carter, mesmo tendo sido substituída por outras doutrinas, continua presente na política externa dos Estados Unidos através da sua preocupação com as reservas petrolíferas do Oriente Médio.

Conclusão

Percebe-se, então, de acordo com o que foi discutido, quatro questões são fundamentais na política externa dos Estados Unidos e que estiveram presentes na Guerra do Golfo, de 1991, e na Guerra do Iraque, de 2003, por ocasião da aplicação das Doutrinas Powell e Bush.

A primeira foi assegurar o fornecimento de petróleo para os Estados Unidos, através das intervenções militares no Oriente Médio, mais especificamente no Iraque. Trata-se de uma preocupação da Doutrina Carter presente em amplos conflitos.

A segunda foi garantir uma ingerência militar com o menor número de mortes de soldados estadunidenses, através do uso de aviação e tecnologia, com o apoio da imprensa interna e externa, resultado da síndrome do Vietnã. Trata-se de uma preocupação da Doutrina Powell e da Doutrina Bush também.

A terceira se refere ao fato de que os governos dos presidentes George H. Bush (1989-1993) e de George Walker Bush (2001-2009), preocuparam-se bastante com o Oriente Médio, em especial o Iraque. Nesse sentido, apesar das diferenças temporais, causais e factuais das Doutrinas Powell e Bush, ambas foram colocadas em prática em guerras que envolveram o Iraque.

Assim, como quarta e última questão, deve-se lembrar que a Guerra do Golfo, de 1991, foi de certa forma, uma continuação com a Guerra do Iraque, em 2003. Então, os princípios embasadores de ambas as doutrinas estiveram presentes nos mencionados conflitos demonstrando que as duas guerras são parte de uma longa guerra no golfo, por estarem interligados.

Bibliografia

ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BACEVICH, Andrew J. *The New American Militarism: How Americans Are Seduced by War*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2005, p. 192.

CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. COUTINHO, Paulo Roberto. São Paulo: Scritta, 1996 (Coleção Clássica).

COMBAT, Flavio Alves. *Hegemonia e contradições no sistema monetário e financeiro internacional: as conseqüências da Guerra do Vietnã (1965-1975) e da Guerra do Iraque (2003-em curso) para a sustentação do dólar como moeda central do sistema internacional*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada (Instituições e Formas Políticas), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2007.

FERREIRA, Argemiro. *O Império contra-ataca. As guerras de George W. Bush, antes e depois do 11 de Setembro*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FUSER, Igor. O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais “Santiago Dantas”, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.

ITUASSU, Arthur. Política Externa Norte-Americana até 1939. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 693-694.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNIOR, Arthur Schlesinger. *Os ciclos da história americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

LENZ, Sidney. *A fabricação do império Americano. Da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos*. OLIVEIRA, Maria Lucia (trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LITTLE, Douglas. *American Orientalism: The United States and the Middle East since 1945*. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1994.

LUKACS, John. *Uma Nova República: História dos Estados Unidos no Século XX*. GALANTE, Vera (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 211-212.

MUNHOZ, Sidnei José. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). *O Século Sombrio: Uma História Geral do Século XX*. Rio de Janeiro: Editora Campus Elsevier, 2004, p. 261-281.

_____. Sidnei José. Apontamentos para uma reflexão sobre política imperial e conflitos internacionais relacionados aos Estados Unidos (do final do século XIX ao tempo presente). In: VI Encontro Nacional de Estudos Estratégicos, 2006, Rio de Janeiro. VI Encontro Nacional de Estudos Estratégicos – apresentação dos Conferencistas. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2006.

_____. Guerra Fria. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 417-419.

_____. Política externa dos EUA e a questão militar no governo George W. Bush. In: XXIV Simpósio Nacional de História (ANPUH), 2007. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

_____. “GUERRA FRIA REVISITADA”. Revista Leituras da História: Ciência & Vida. São Paulo: Editora Escala, Ano 1, n. 4, p. 48-59, dezembro de 2007.

_____. A Construção do Império Estadunidense. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei José (coords.). *Impérios na História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p. 245-258.

PATRIOTA, Antonio de Aguiar. *O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a Articulação de um Novo Paradigma de Segurança Coletiva*. Brasília: Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre de Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Thereza L. *Tempestade do Deserto: operações da Guerra do Golfo*. FONSECA, Luis Cesar (trad.). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.

SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. Guerra do Vietnã. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 409-412.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Powell (Doutrina). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 703-704.

_____. Clinton (Doutrina). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 170-171.

_____. Bush (Doutrina). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 102-105.

_____. Powell (Doutrina). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 703-704.

TRAUMANN, Andrew Patrick. “Os falcões pousaram: o papel da ONU no conflito EUA-Iraque (1990-2003)”. Revista Urutagua: revista acadêmica multidisciplinar. Maringá-PR: n. 15, p. 138-150, abril-julho de 2008.

ZARPELÃO, Sandro Heleno Morais. *A Crise no Oriente Médio: a Guerra do Golfo, as Discussões Historiográficas e as Relações Internacionais (1990-1991)*. Monografia de Especialização apresentada Curso de Especialização em História Social e Ensino de História, do Departamento de História do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2006.

_____. *Tempestade no Iraque: a Guerra do Golfo, a Política Externa dos Estados Unidos, a Historiografia Militar e a Imprensa Escrita Brasileira (1990-1991)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2008.